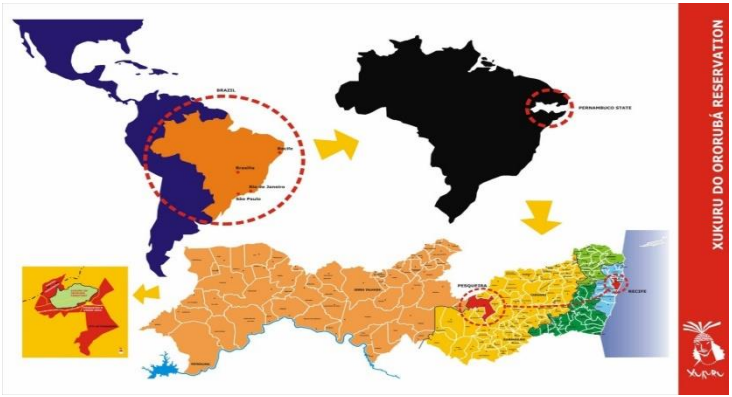
OS XUKURU DO ORORUBÁ

Francisco Bispo da Silva [1]

O povo Xukuru habita a Serra do Ororubá, no Município de Pesqueira, a 215 km do Recife, na Região Agreste em Pernambuco. Um levantamento realizado em 2010 pela Fundação Nacional de Saúde contabilizou a população Xukuru em 12.000 indivíduos (FUNASA/SIASI), morando em 23 aldeias espalhadas pela Serra.



A colonização portuguesa na região onde habitam os Xukuru ocorreu a partir de 1654, quando O Rei de Portugal fez doações de grandes sesmarias de terras a senhores de engenho do litoral para criação de gado. Em 1661, atendendo solicitação oficial, os Oratorianos fundaram o Aldeamento do Ararobá de Nossa Senhora das Montanhas, onde também possuíram fazendas de gado utilizando a mão-de-obra indígena. (Medeiros, 1993). Conforme previa a legislação portuguesa, com o Diretório do Marquês de Pombal de 1757, o antigo Aldeamento do Ararobá foi elevado em 1762 à categoria de Vila com o nome de Cimbres. Em 1880 a sede do município foi transferida para Pesqueira e Vila de Cimbres passou a condição de distrito. As terras do antigo aldeamento de Cimbres foram ao longo do tempo sendo invadidas por arrendatários que se apossavam das terras indígenas.

No Século XIX aumentaram as invasões das terras indígenas pelos antepassados das famílias tradicionais em Pesqueira. Com a Lei de Terras em 1850, esses invasores e as autoridades provinciais passaram a pedir ao Governo Imperial a extinção do aldeamento Xukuru. A Câmara de Pesqueira em ofícios endereçados as autoridades provinciais, alegando que já não existiam mais índios Xukuru e sim caboclos e da necessidade de expansão do Município, requeria continuadamente as terras indígenas como patrimônio. Atendendo as insistentes solicitações, em 1879 o Governo Imperial decretou oficialmente a extinção do Aldeamento de Cimbres. Foram favorecidos os arrendatários, muitos deles vereadores e fazendeiros

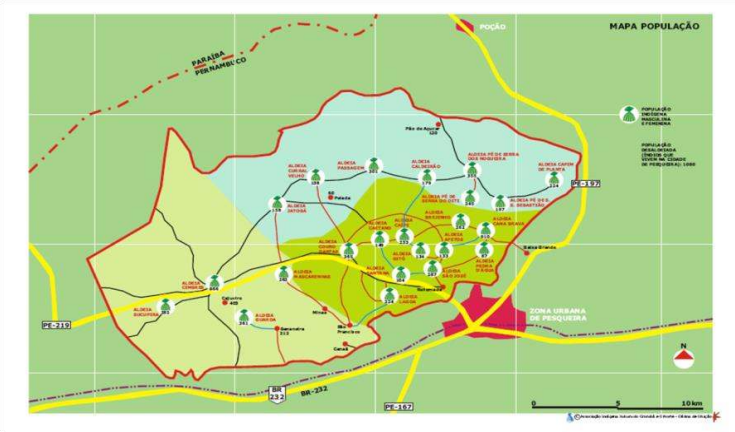
[1] Mestrando em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

invasores das terras Xukuru, membros da elite local com consideráveis relações e influências na política provincial e nacional. Fugindo das perseguições famílias Xukuru se dispersaram pela região, ou foram morar em terras de outros ex-aldeamentos e nas periferias das cidades.

Outras famílias que foram discriminadas ao serem chamadas de "caboclos do Orubá", resistiram em pequenas glebas de terras, sítios em locais de difíceis acessos, ou ficaram trabalhando em suas próprias terras, exploradas como mão-de-obra pelos fazendeiros, invasores do território indígena, como relatou o Pajé Xukuru "Seu Zequinha".

Entre os fins do Século XIX e nas primeiras décadas do Século XX, encontravam-se índios Xukuru dançando o Toré na Vila de Cimbres – dança ritual em círculo na qual com a batida do pé no chão, os índios agradecem a Mãe Terra e ao Pai Tupan os frutos, a vida, e os bens concebidos pela natureza. Considerada pelos colonizadores da época: "Uma espécie de idolatria, por infiltrações do catolicismo" (Melo, 1935, p.44). Mesmo após a decretação oficial do fim do Aldeamento e diante das proibições, perseguições e violências coloniais, os Xukuru praticaram seus cultos religiosos que eram realizados às escondidas. Nas primeiras décadas do século XX, os Xukuru assim como outros povos indígenas no Nordeste, retomaram com mais vigor a mobilização pela posse de suas terras e garantia de seus direitos, com a força de sua religião: Toré, e força da "Maraca" e cânticos dado pela natureza, pressionando as autoridades do Serviço de Proteção ao Índio/SPI. (Antunes, 1973, p.40-43).

Os Xukuru como moradores em várias localidades na Serra do Ororubá e que os "caboclos mais velhos" por se reunirem para realização dos seus rituais, eram denunciados à polícia como catimbozeiros pelos "brancos", os fazendeiros invasores nas terras indígenas. Líderes dos cultos indígenas foram intimados a comparecer à Delegacia e os índios estavam proibidos pela polícia de praticar "o segredo" do Ouricuri. Os invasores das terras indígenas procuravam reprimir as expressões de afirmação da identidade indígena a qualquer custo. Outros indígenas foram denunciados tendo as autoridades policiais "os proibido de curatórias". Os índios afirmavam que "alguns costumes Xukurus ainda vivem em seu coração". O Toré era dançado na Festa de Nossa Senhora das Montanhas, em Cimbres.



A partir dos anos 1990 os Xukuru passaram a se autodenominarem Xukuru do Ororubá. Eles afirmam terem escolhido essa denominação para não serem confundidos pelos não-índios (leia-se a imprensa e a sociedade em geral) com um outro povo indígena, os Xukuru-Kariri que estão em sua a maioria aldeados no Município de Palmeira dos Índios/AL. Em fins dos anos 1980 após a participação na campanha da Constituinte, com a atuação marcante do Cacique "Xicão", os Xukuru retomam a mobilização por seus direitos. Motivados pelas conquistas na Constituição de 1988 e contando com o apoio de outros povos indígenas no Nordeste e de setores da sociedade civil, como o Conselho Indigenista Missionário/ CIMI, órgão da Igreja Católica/CNBB, os Xukuru iniciaram a retomada de seu território tradicional, reocupando áreas de várias fazendas até então nas mãos de posseiros. O acirramento dos conflitos entre os "Xucurus" e fazendeiros que eram posseiros nas terras então reivindicadas pelos indígenas, entre os fins dos anos 1980 e meados dos anos 1990, foi motivo de extensas reportagens publicadas no Diário de Pernambuco, no Jornal do Comercio ambos do Recife e no jornal Folha de São Paulo. Enquanto os fazendeiros negavam a presença de índios "puros" ou a ocorrência dos conflitos, os Xukuru denunciavam as violências, a miséria e a fome em razão de terem suas terras invadidas por grandes criadores de gado.

Na mobilização Xukuru na década de 1980, destacou-se Francisco de Assis Araújo, o Cacique "Xicão" como era conhecido. Além de ser uma liderança carismática para o seu povo, foi também uma expressiva e reconhecida liderança entre os demais povos indígenas no Nordeste, alcançando ainda uma considerável projeção no movimento indígena no país. Sob sua liderança os Xukuru pressionaram os órgãos públicos pelo reconhecimento de seus direitos e a demarcação de suas terras. A atuação do Cacique Xicão provocou a ira dos fazendeiros, a oligarquia de Pesqueira, tradicionais invasores das terras Xukuru, financiadores de um pistoleiro que assassinou o Cacique em 20/05/1998.

A atuação do Cacique Xicão foi bastante significativa para o povo Xukuru, já que sob sua liderança as áreas do território indígena retomadas das mãos dos fazendeiros, permitiram que os indígenas pudessem plantar e colher superando a miséria e a fome de anos, voltarem a ter dignidade. Por isso e em razão de Xicão ter sido assassinado de forma brutal, "Mandaru", como ele é chamado pelos indígenas, é reverenciado como um herói do povo Xukuru. Na Festa anualmente celebrada em Cimbres dedicada a N. Sra. das Montanhas, a quem os Xukuru chamam de "Nossa Mãe Tamain", os índios dizem que a santa é uma cabocla que lhes apóia na luta pela terra. Depois da procissão os Xukuru entram no templo carregando o andor gritando "Viva Tamain, Pai Tupã e o Cacique Xicão". (Silva, 2002).



A importância de Xicão para o povo Xukuru pode ser compreendida pela dimensão dos atos religiosos e políticos que anualmente vem sendo realizados no dia 20 de maio, data de seu assassinato. No ato público que ocorre naquela data participam um considerável número de delegações de outros povos indígenas e parceiros da causa indígena. Os Xukuru visitam o túmulo do seu querido Cacique, que como eles falam "está plantado, para que dele nasça novos guerreiros" na mata da Aldeia Pedra D'Água. Participam de uma missa celebrada no local e em seguida caminham em um grande contingente da Serra do Ororubá até a Cidade de Pesqueira, para o Bairro Xukurus lugar onde o Cacique foi morto, onde realizam um grande ato público encerrando as manifestações daquele dia.

Os rituais Xukuru, contribui para reforçar o status quo, o poder de reforçar os laços de solidariedade e a manutenção de sinais diacríticos; e o poder de modelar a concepção devida das pessoas, ou seja, estabelecer uma determinada orientação. As práticas rituais Xukuru e seus espaços sagrados conectados ao Toré e à pajelança, ao culto aos Encantados e a ingestão da Jurema. Essas práticas são importantes para compreendermos como se reconfigurou a organização política Xukuru. Diferentemente do que se pensa, os novos desenhos que os rituais foram assumindo, estão relacionados, sim, com as transformações que a organização social interna dos Xukuru tem se atualizado. Ou seja, não se trata de performances (NEVES, 2005) com vista a apenas uma afirmação da identidade étnica para fora do grupo, para o exterior, é, sobretudo, intra-étnica, para os de dentro. A religiosidade dessa etnia é um dos elementos fundamentais que dá a sustentabilidade a essa organização, especialmente, por reforçar a ideia de unidade. Toda essa reorganização passa, também, por uma conexão com os novos papéis sociais que vão sendo assumido pelas mulheres e homens desta etnia.

A religiosidade consiste em um dos principais elementos de coesão étnica do povo Xukuru. Seu universo é plural, composto por um complexo imbricamento entre a religião nativa, o catolicismo popular e cultos afro-brasileiros. A realização dos rituais, como o Toré, a pajelança,e de festas sagradas como a de Mãe Tamain, de Senhor São João, servem para atualizar, reafirmar

e enriquecer a tradição do grupo, fortalecendo sua identidade (SOUZA, 2004, p. 37).



Para os Xukuru, as matas, os olhos D‟água, os lajedos e pedras são locais sagrados,moradas dos encantados e dos caboclos e são nesses locais que eles realizam seus rituais, pois acreditam na mãe natureza(NEVES, 2005, p. 101). O universo simbólico, a rede de relações entre as pessoas e a relação com a terra fazem parte da forma de organização política Xukuru. Para Neves, a forma como se relacionam com o sagrado é destacado dentro da cosmologia Xukuru. "Os Xukuru estão subordinados a um poder simbólico que se expressa, através da natureza sagrada, dos encantados de luz, de Mãe Tamaime de Pai Tupã consubstanciados no Toré" (NEVES, 2005, p.101). A cosmologia Xukuru é representada, nas palavras de Neves, por uma mistura de símbolos: "a natureza sagrada, a presença dos „encantos de luz‟, também chamados de „encantados‟, que frequentemente se apresentam durante o transe nos rituais, juntamente com a evocação a santos do catolicismo popular e influências de elementos afrobrasileiros" (NEVES, 2005, p.115). O Toré é parte fundamental dessa cosmologia. Segundo Nascimento (2005), o toré não é apenas um sinal diacrítico, mas é uma "linguagem étnico religiosa" tanto externa, para os de fora, como intra-étnica, para os próprios Xukuru.

Dentre os locais sagrados da área indígena Xukuru destacam-se alguns lajedos ou pedras sagradas -Pedra do Rei, em Pedra d‟Água; Pedra do Gentio; Pedra do Conselho, localizada em Cimbres, onde é realizado o ritual à meia noite durante a festa do São João; Laje do Patreká, em Cimbres onde os índios faziam o ritual no São João, pois foram construídas casas no local; Laje do Crajeú, localizada na entrada de Cimbres, onde iniciavam o Toré e antigamente os índios surravam os mortos para afastar os maus espíritos, Pedra do Vento, na aldeia Gitó, Pedra do Acauã e Pedra do Dinheiro, na aldeia cajueiro. Essas pedras foram bem catalogadas por Neves (2005). Para os Xukuru essas Pedras e Lajedos são locais de presença dos espíritos encantados. Além desses locais, possuem seis terreiros -um na aldeia Sucupira, outro na aldeia de Cimbres, um na aldeia Pedra d‟Água, um na aldeia Mascarenhas e dois na aldeia Pé-de-serra, locais onde realizam rituais.

Os rituais realizados por essa etnia atuaram no sentido de reforçar os sentimentos de pertença e destinação comum aos membros do grupo. Os significados religiosos foram descritos como elementos dinamizadores da identidade Xukuru.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Eliene A. de. (Org.). *Xucuru, filhos da mãe Natureza: uma história de resistência e luta*. 2ª ed. Olinda: CCLF/Pesqueira Prefeitura Municipal, 2002.

ANTUNES, C. Wakona-Kariri-Xucuru. *Aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas*. Maceió: UFAL, 1973.

MEDEIROS, M. do C. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco – 1659-1830.* João Pessoa: Idéia, 1993.

MELO, Mário. *Etnografia Pernambucana: os Xukurus de Ararobá. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco*. Recife, vol. 33, p. 43-45, 1935.

NEVES, Rita de Cássia. *Dramas e performances: o processo de reelaboração étnica Xukuru nos rituais, festas e conflitos.* Tese de Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis; UFSC,2005.

_____. *Identidade, rito e performance no Toré Xukuru*. In:GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). Toré: Regime encantado do índio do Nordeste. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 2005. pp.129-153.

_____.*Festas e Mitos: Identidades na Vila de Cimbres-PE*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

PALITOT, Estevão Martins. *Tamain chamou nosso Cacique: a morte do Cacique Xicão e a (re)construção da identidade entre os Xukuru do Ororubá.* 2003. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – PPGS/UFPB, João Pessoa, 2003.

SILVA, Edson. *O lugar do índio. Conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada – PE (1860-1880).* 1995. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFPE, Recife, 1995.

_____. "*Nossa Mãe Tamain": Religião, reelaboração cultural e resistência: o caso dosXukuru do Ororubá (PE).* In: BRANDÃO, Sylvana. (Org.). História das religiões no Brasil. Recife: EDUFPE, p. 347-362, 2002.

SOUZA, Liliane Cunha de. *"Doença que rezador cura" e "doença que médico cura": Modelo etiológico Xukuru a partir de seus especialistas de cura.* Dissertação de mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco. Recife: digitado, 2004.